



EFEITOS DO NOVO CAPITALISMO

EFFECTS OF THE NEW CAPITALISM

Débora Paz Menezes
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

RESUMO- A resenha apresenta aspectos e uma reflexão acerca do primeiro capítulo intitulado *Deriva* da obra *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* de Richard Sennett. A partir das ideias do autor defendo que as relações de trabalho no capitalismo moderno provocam consequências na formação do caráter individual.

Palavras-chave. Novo Capitalismo. Richard Sennett. Caráter.

ABSTRACT- This review presents some aspects and a reflection about the first chapter entitled *Drift*, from the book *The corrosion of character: the personal consequences of work in the new capitalism*, by Richard Sennett. Based on the author's ideas, I argue that the labor relations in modern capitalism cause consequences to the formation of the individual character.

Keywords: New Capitalism. Richard Sennett. Character.

Richard Sennett é professor de sociologia da Universidade de Nova York e da London School of Economics. Entre suas obras, estão *Carne e pedra* (1992), *O declínio do homem público* (1974), *The Hidden Injuries of class* (1972) e *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*.

A corrosão do caráter foi escolhido pela revista *Business Week* como um dos dez melhores livros de 1998. Neste estudo, apresento uma reflexão acerca do primeiro

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



capítulo deste livro, intitulado *Deriva*. Sennett (2000) relata seu encontro com uma pessoa com quem não tinha contato há quinze anos, tratava-se de Rico. Anos atrás, o autor havia entrevistado o pai de Rico, conhecido como Enrico, quando escreveu o livro sobre os trabalhadores nos EUA, *The Hidden Injuries of Class* (1972). À época, Enrico trabalhava como faxineiro para servir a família e havia comentado sobre os sonhos e planos que fazia para o filho. Ao ver Rico no aeroporto, Sennett (2000) observou que ele parecia ter alcançado os sonhos almejados pelo pai, estava bem vestido, carregava um *notebook* e, aparentemente, parecia um homem bem-sucedido.

Na época em que o autor entrevistou Enrico, em 1970, a esposa dele trabalhava em uma lavanderia e o casal economizava para a educação dos dois filhos. Enrico levou quinze anos para comprar a casa da família, em uma área residencial perto de Boston, pensando no melhor para os filhos. Enrico e a esposa Flávia controlavam o aumento da poupança e mediam a melhoria de vida pelos vários aumentos que faziam na casa.

No período em que as convulsões da Segunda Guerra Mundial haviam enfraquecido, os sindicatos protegiam os trabalhadores. Enrico sabia exatamente quando iria se aposentar, pois se considerava autor de sua própria história, cada prestação que pagava, cada concerto que fazia, embora pertencesse a uma classe social inferior, sua trajetória de vida dava a ele um senso de respeito próprio. Sennett (2000) destaca que Enrico parecia ter duas personalidades: entre os vizinhos suburbanos se portava como um cidadão discreto, já quando voltava para seu antigo bairro, recebia mais atenção e tinha reconhecimento. Mesmo tendo conquistado um certo grau de honra perante a sociedade, Enrico queria que o filho Rico tivesse uma vida diferente da sua.

O encontro com Rico no aeroporto era a oportunidade de saber como estava sua vida. Rico se formou em engenharia elétrica, pela universidade local, e foi para uma escola de comércio, em Nova York, onde conheceu sua esposa. Na escola, foram

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



preparados para frequentes mudanças de emprego. Em quatorze anos de trabalho, mudaram-se quatro vezes. Jeannette, sua esposa, tornou-se uma parceira de trabalho. Em função disso, só tiveram filhos quando a carreira de Jeannette deslanchou.

O autor observou que o casal era bastante unido. Jeannette coordenava uma grande equipe de contadores e Rico, após ser demitido pelo fato de sua empresa ser absorvida por outra maior, abriu uma pequena empresa de consultoria à qual se dedicava intensamente, pois o tempo era precioso e tinha medo de perder o controle. No caso de Jeannette, a questão do controle era mais simples, trabalhava com um pequeno grupo que se dividia em pessoas que trabalhavam em casa ou no escritório e que se comunicavam pelas redes de computadores.

Com o decorrer da conversa, o autor ressalta que Rico mudou o tom da voz e confessou que seu medo não era apenas de perder o controle, o poder no trabalho, temia que a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna colocasse sua vida emocional e interior à deriva, sem controle. A gravidade desse medo vem do passado, do fosso que separa a geração de Enrico e Rico.

Assim como o pai, Rico também trabalhava para servir sua família, pois considerava isso o mais importante. Porém, acreditava que as exigências do trabalho interferiam na relação com a família, o pouco tempo de dedicação aos filhos era sua grande preocupação. Considerava as regras que governavam a vida de seu pai Enrico mesquinhas e, agora, pai de família, queria ser exemplo de determinação e senso de objetivo, disciplina e ética para os filhos. Interpretava a incerteza e o fato de correr riscos como desafio.

Nesse contexto, o autor destaca que, assim como Rico, líderes, empresários e jornalistas consideravam o mercado global e o uso de novas tecnologias como características do capitalismo de nossa época, mas não observavam outras dimensões da



mudança, novas maneiras de organizar o tempo, principalmente o tempo de trabalho. A economia estava passando por mudanças, o capitalismo do século XIX enfrentava dificuldades na bolsa de valores e nos investimentos empresariais, o ciclo comercial sofria oscilações e pouca segurança era oferecida às pessoas.

Após a Segunda Guerra Mundial, na geração de Enrico, essa desordem foi posta em controle na maioria das economias avançadas, uma vez que os sindicatos e empresas em grande escala se organizaram e produziram uma era de relativa estabilidade. Esse período, de aproximadamente três décadas, define o passado estável, atualmente contestado por um novo regime. O período de mudança na moderna estrutura institucional acompanhou as condições de trabalho, especialmente com a utilização de tecnologias como o computador, pois o setor de trabalho que mais crescia era o serviço de informática e processamento de dados, área em que trabalhavam Rico e Jeannette.

A experiência de Enrico de tempo, em longo prazo, tornou-se disfuncional. Rico buscava explicar, durante a conversa, que as mudanças materiais, no lema *Não há longo prazo*, se tornaram disfuncionais também para ele, mas como diretivas para o caráter pessoal, em relação à família, principalmente. É a dimensão do tempo do novo capitalismo que afeta mais diretamente a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. Neste sentido, o autor faz um paralelo destacando a grande diferença entre as duas gerações, em que a forma como o tempo é organizado é fator de fundamental influência sobre a vida emocional do ser humano, dentro e fora do ambiente de trabalho.

A obra traz um relato do conflito entre família e trabalho. Sennett (2000) enfatiza que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter de Rico, principalmente as qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros. Além disso, destaca que Enrico tinha uma narrativa linear e cumulativa para sua vida, que fazia sentido em um mundo



burocrático. Enquanto isso, Rico vive em um mundo caracterizado pela flexibilidade e o fluxo em curto prazo, empresas surgem e desaparecem normalmente.

As condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência, a experiência do tempo desconjuntado ameaçando a capacidade de as pessoas transformarem seu caráter em narrativas sustentadas. Para Sennett (2000), Rico é um homem bem-sucedido, mas, ao mesmo tempo, confuso, pois o comportamento flexível que trouxe sucesso contribuiu para o enfraquecimento de seu caráter.

A experiência passa a ser desvalorizada, colocando em risco o senso de valor pessoal, ou seja, o caráter pessoal, definido pelo autor como “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros” assim como “são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (SENNETT, 2000, p.10). A carreira constrói o caráter, portanto, o abalo no sentimento de utilidade interfere no que somos como pessoa, afeta a relação com o outro e enfraquece nossa relação com o mundo e com nossas responsabilidades.

Sennett (2000) discorre acerca da ética no trabalho a partir de uma narrativa envolvente e agradável. Propõe uma reflexão a respeito das novas relações de trabalho no capitalismo moderno e suas consequências no caráter individual. Destaca suas experiências pessoais com trabalhadores americanos e, a partir desse contato, passa a refletir sobre as relações de trabalho, caráter pessoal e suas transformações no novo capitalismo. Estuda os efeitos do novo capitalismo, mostrando a diferença de dois mundos de trabalho, isto é, duas gerações. Para a primeira, o que importava era o caráter pessoal que, segundo o autor, está desaparecendo. Enquanto a segunda geração é marcada pelo mundo da reengenharia das corporações, tecnologias, flexibilidade, trabalho em rede, equipes que trabalham juntas por pouco tempo, em que o importante é ser capaz de se reinventar. As pessoas mudam de emprego e de função várias vezes durante sua vida



profissional, não há espaço para o longo prazo. A sociedade está sendo orientada pela lógica mercadológica, em que a mudança institucional leva a um maior retorno financeiro.

Nesse contexto, o autor questiona se é possível a formação do caráter em um capitalismo flexível, em que as relações de trabalho são de curto prazo, pois considera que a construção do caráter depende de valores como lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua.

No relato detalhado da vida da família de Enrico e Rico, utiliza várias fontes, narrativas históricas, dados econômicos e também teorias como a de Max Weber e Adam Smith, além de suas próprias experiências de vida. Descreve a história das duas gerações norte-americanas com o objetivo de comparar os dois modelos de trabalhadores. O modelo fordista, que segue uma rotina, planeja sua vida baseado em um tempo linear, constrói sua trajetória a partir da relação de longo prazo. E o segundo modelo, do trabalhador flexível, que muda de endereço com frequência, muda de emprego, não estabelece laços em longo prazo com outras pessoas, não planeja suas metas e, muitas vezes, não tem tempo para a própria família. Enfim, vive uma vida de incertezas. O fato de não se estabelecerem laços duradouros acaba corrompendo o caráter.

A incerteza, segundo o autor, assim como a instabilidade, sempre esteve presente na história. Contudo, na sociedade contemporânea, estão presentes de maneira mais evidente, o que constitui o que ele denominou de sentimento de deriva, a falta de propósito em relação ao presente e de perspectivas futuras.

Atualmente, mesmo que o modelo fordista não seja tão visível, ainda vivemos sob o controle do novo capitalismo, o que mudou foram os produtos, o tempo, os empregos, a forma de trabalho, os trabalhadores e, até mesmo, o controle do poder dentro das empresas. A liberdade de trabalho é apenas uma ilusão. Talvez essa falta de liberdade até contribui para que o trabalhador não tenha tanto domínio sobre suas tarefas, a falta de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



apego com seu trabalho acaba colaborando para que o trabalhador mude de empresa, de tarefa, não estabelecendo laços duradouros e até corrompendo o caráter pessoal que, para Sennett (2000), precisa de tempo para se consolidar, pois nosso caráter só é definido quando cultivamos laços duráveis, os quais nos situam dentro da sociedade.

Enfim, faz uma crítica ao ambiente de trabalho do novo capitalismo e remete o leitor a pensar sobre a sociedade que está sendo construída, uma sociedade individualista, em que os aspectos que as gerações anteriores consideravam essenciais para a formação do caráter já não são mais tão importantes. A nova economia baseada na extinção da rotina, na flexibilidade do tempo, nada mais é do que uma outra forma de controle.

Referência

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Sobre a Autora

Débora Paz Menezes

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Bolsista do programa BIPSS. Bolsas Institucionais para Programas de Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: debora_paz89@yahoo.com.br

Recebido em: 05/08/2016

Aceito para publicação em: 10/09/2016